

DA HISTÓRIA AO PROJETO: METODOLOGIA PARA A ANÁLISE DO PATRIMÔNIO INDUSTRIAL E BOAS PRÁTICAS NA REABILITAÇÃO DAS COMPANY TOWNS NA ITÁLIA E NO BRASIL. UMA EXPERIÊNCIA EM DESENVOLVIMENTO.

Giovanni Luigi Fontana

Professor de História Econômica, Diretor do *Dipartimento di Scienze Storiche Geografiche e dell'Antichità* e do *Master in Conservazione, gestione e valorizzazione del Patrimonio Industriale* da *Università degli Studi di Padova*; *past-president* da *Associazione Italiana per il patrimonio archeologico industriale*.

giovanniluigi.fontana@unipd.it

Claudia Marun Mascarenhas Martins

Doutoranda do curso de História Econômica na *Scuola Superiore di Studi Storici, Geografici e Antropologici* do *Università di Padova, Verona e Venezia*.

claudia.martins@univr.it

Resumo

O presente artigo visa analisar com uma perspectiva multidisciplinar e comparativa a formação e os processos de valorização do patrimônio industrial de algumas áreas de implantações originárias da indústria têxtil italiana e brasileira, com o objetivo de estudar a metodologia de pesquisa histórica aplicada nesse setor e de favorecer a adoção de “boas práticas” de reutilização e valorização dos bens da civilização industrial baseadas na conexão entre conhecimento histórico e projetos de reabilitação.

Palavras-chave: Indústria têxtil, Company towns, Reabilitação do Patrimônio Industrial.

Introdução

O patrimônio industrial abrange uma extraordinária variedade de componentes de diversas origens, materiais e imateriais, compreendendo documentos, papéis e arquivos de empresa, saberes técnico e produtivos tácitos e codificados; desenhos, modelos e produtos; redes de energia e comunicação; máquinas e equipamentos, edifícios, locais e complexos de produção de grande porte, instalações residenciais, educacionais, beneficentes, culturais, religiosas, recreativas; sítios industriais abandonados, áreas e paisagens moldadas pela industrialização. Trata-se de uma herança comum e diversificada, muitas vezes de propriedade privada e, portanto, sem nenhuma proteção ou sujeita a regras menos rígidas do que as relativas à propriedade pública.

Os bens produzidos pela civilização industrial atualmente constituem uma fundamental fonte de recursos para o desenvolvimento e a redefinição das identidades urbanas e territoriais tanto nos países de antiga industrialização quanto nos países em desenvolvimento. Fortes interesses públicos e privados concentram-se nas áreas abandonadas e em edifícios industriais desativados, muitas vezes considerados como um "vazio", na verdade são "ocupados" pela história e pela memória a serem protegidas e valorizadas. Esse tipo de patrimônio cultural carece de políticas de proteção e é exposto à possibilidade de intervenção que abrange desde a restauração e do aperfeiçoamento à exclusão mais radical de demolição.

Muitas experiências foram realizadas nesse campo na Europa e na América do Norte, onde o atenção para a problemática do patrimônio industrial se manifestou precocemente, mas recentemente resultados particularmente interessantes foram alcançados também em numerosos países emergentes. Em 2006, como mencionava a então presidente do Comitê Brasileiro para a Preservação do Patrimônio Industrial TICCIH – BRASIL, Professora Meneguello, os estudos no sobre em patrimônio industrial no Brasil ainda se encontravam em fase embrionária: “in Brazil the study and protection of industrial heritage is still at its first steps. Few industries and installations are preserved and many others are endangered by the lack of efficient government policies and by the pressures of urban growth” (MENEGUELLO, 2006, p.01). Não obstante, nos últimos anos, estudos sobre Patrimônio Industrial tiveram um notável desenvolvimento no Brasil; muitos pesquisadores estão desenvolvendo teses, apresentações de trabalhos e publicações sobre esse setor, particularmente em eventos organizados pelo TICCIH nos âmbitos nacional e internacional. Em particular, o tema da cidade industrial e vilas operárias vem ganhando interesse de historiadores, como o livro clássico de J. S. L. Lopes, *A tecelagem do conflito de classes na cidade das chaminé*, sobre a Fábrica Paulista, de produção têxtil no interior de Pernambuco. Sobre aplicação projetual, temos uma crescente temática de projetos de restauração e reutilização, como por exemplo o projeto para a própria Fabrica Bangu, em 2007. O espaço da fábrica foi reutilizado como centro comercial.

Todavia, esse estudos brasileiros em patrimônio industrial não se apresentam consolidados, pois geralmente as pesquisas são abordadas nos específicos âmbitos disciplinares, sem integrar todas as condicionantes multidisciplinares envolvidas no contexto geral e sem tratar essa temática de maneira integrada. Das experiências internacionais mais avançadas é clara a necessidade de promover a cooperação

científica entre pesquisadores de diversas disciplinas e com os profissionais das demais áreas envolvidas nos projetos sobre patrimônio industrial para favorecer uma abordagem competente e consciente, promovendo a difusão da cultura de valorização. Dessa forma, será possível conectar, de maneira responsável e eficaz, a proteção dos valores incorporados nesses bens com as demandas de reabilitação e refuncionalização dos bens obsoletos, com uma visão do território não como recurso a ser explorado, mas como patrimônio a ser valorizado. Para se atingir esse objetivo, é útil analisar criticamente experiências desenvolvidas por países que, ao longo tempo, lidam com esses problemas, a partir de estudos de caso exemplares para se elaborar uma espécie de repertório de melhores práticas, uma espécie de guia de "o que é necessário para saber fazer", para trabalhar nessa área e obter resultados apreciáveis.

À esses objetivos foram direcionados projetos de pesquisa nacionais e internacionais, especialmente alguns projetos específicos europeus, de atividades de formação e de pesquisa realizadas em colaboração entre associações nacionais e importantes instituições internacionais. Entre essas, pode-se citar em particular o projeto *Cultura 2000 Working Heritage, que é associado à English Heritage (caso de Birmingham), ao Ministère de la Culture et de la Communication Francês (caso de Roubaix), ao Generalitat de Catalunya na Espanha (Colônia Güell em Barcelona) e à Associazione Italiana per il Patrimonio Archeologico Industriale-AIPAI (nos municípios de Schio e Terni)*. No âmbito da formação acadêmica, os mesmos objetivos são perseguidos pelo *Master in Conservazione, valorizzazione e gestione del Patrimonio Industriale-MPI*, ativo a mais de dez anos pela *Università di Padova* em convênio com os Politecnicos de Milão e de Torino e com as Universidades de Ferrara, Firenze, Napoli, Cagliari e o CNR de Lecce e também pelo *Master Techniques, Patrimoines, Territoires de l'Industrie: Histoire, Valorisation, Didactique -TPTI*, ativado pela união das universidades: *Université Paris I Panthéon-Sorbonne (França)*, *Universidade de Évora (Portugal)* e *Università di Padova (Italia)* com uma rede internacional de universidades filiadas compreendendo a *Università di Ouagadougou em Burkina Faso*, *l'Università di Tonji na China*, a *Universidad Nacional Autónoma de México no México*, a *Universidade Estadual de Campinas* e a *Universidade Tecnológica Federal do Paraná no Brasil*.

Com referência à essas experiências, o objetivo geral deste trabalho é a análise da metodologia de pesquisa histórica aplicada ao estudo do patrimônio industrial e das

práticas de reutilização e valorização dos bens da civilização industrial baseadas na cooperação das diversas disciplinas envolvidas nos projetos, com uma estreita conexão entre conhecimento histórico e escolhas projetuais. Para efetuar essa análise e favorecer a difusão de “boas práticas”, foram escolhidos como estudos de caso comparativos as *company towns* de dois grupos históricos líderes no setor têxtil nos respectivos países: o *Lanificio Rossi* di Schio, a maior sociedade anônima italiana na segunda metade só século XIX, e o Grupo Mascarenhas, pioneiro a constituir a primeira sociedade anônima do Brasil. São casos que representam experiências exemplares em cada país e possuem intrínsecas similaridades na constituição, favorecendo uma comparação entre a história de duas empresas com *company towns* em contextos diferentes, mas com muitas analogias de caráter industrial, estudo até então não realizado no Brasil.

As *Company Towns*: confronto de dois casos na Itália e no Brasil

As *company towns* são o exemplo mais significativo da herança da civilização industrial, pois reúnem todos os componentes que conformam o patrimônio industrial, desde um maquinário a uma fábrica, das habitações operárias à infraestrutura escolar, técnica, assistencial, sócio-cultural ao núcleo urbano industrial, desde um arquivo de empresa aos ofícios. O termo “*company town*” refere-se aos estabelecimentos que foram construídos e operados pela fábrica para oferecer acomodação e infraestrutura a seus funcionários. Em geral, assumem a fisionomia de vilas operárias ou cidades, após a fase manufatureira e proto-industrial, configuram partes inerentes do desenvolvimento industrial desde o séc. XIX até atualmente. Trata-se de um fenômeno muito complexo que apresenta múltiplas variantes dependendo dos momentos, dos locais e dos setores de industrialização. São formadas por uma interligação entre empresa, cultura técnica, território e constituem um ponto estratégico para a compreensão da filosofia social subjacente à história da relação entre os grupos empreendedores e a classe trabalhadora. Durante o século XIX, em muitos países, as experiências-modelo (apresentadas e discutidas nas grandes exposições universais) foram ligadas principalmente aos setores da indústria têxtil, da siderurgia e da mineração. Com as novas propostas para vilas, bairros e cidades operárias, uma das criações mais originais e duradouras do mundo industrial. Em diversas partes do mundo essas experiências assumiram características diversas de acordo com os

contextos rurais ou urbanos e com os setores produtivos e as estratégias empresariais.

No Brasil, entre 1830 e 1930, o desenvolvimento das *company towns* concentra-se nos setores têxtil e de produção de papel e de açúcar. Nasceram associadas às exigências da indústria moderna reunindo recursos diversos (minerais, sistemas hídricos aplicados à energia hidroelétrica, etc.). Como mostra Correia (2005), as paisagens moldadas pela industrialização surgem com a implantação de pequenos núcleos produtivos que se instalaram isolados no campo e propiciaram o desenvolvimento e prosperaram criando "cidades" novas.

No norte da Itália, *microcosmos industriais* de diversas consistência e organicidade reuniram-se no séc. XIX, em torno dos principais centros têxteis, adaptando-se a diferentes setores e contextos das experiências europeias de referência, mas introduzindo também significativos elementos de diferenciação.

Entre as experiências mais significativas de análise do fenômeno de *company towns* na Itália e no Brasil figuram os casos dos vilarejos de trabalho realizados por grandes famílias empreendedoras Rossi em Schio (Vêneto na Itália) e Mascarenhas (Minas Gerais no Brasil). As empresas, italiana e brasileira, e apresentam um histórico "paralelo", o *Lanificio Rossi* (que funcionou como importante exportador de mão de obra qualificada após a greve de 1891) possui semelhanças temporais e estruturais nas relações com o exterior. Entre o complexo produtor de lã e os nascentes estabelecimentos têxteis brasileiros, provavelmente, com a pesquisa em curso, será possível verificar a transferência de profissionais e a difusão de saberes construtivos, técnicos e estratégias empresariais entre as duas sociedades.

Entre o Lanificio Rossi e o Grupo Mascarenhas existem muitas importantes semelhanças, à começar pelos proprietários Alessandro Rossi e Bernardo Mascarenhas que constituem personalidades visionárias do processo de industrialização. No séc. XIX, Bernardo Mascarenhas e Alessandro Rossi participaram das grandes exposições universais na Europa e nos Estados Unidos, apresentando as suas empresas e mantendo-se sempre informados sobre as principais inovações industriais no campo energético, tecnológico, produtivo, organizativo, de infra-estrutura e das relações com os operários. Nas duas sociedades (italiana e brasileira), o desenvolvimento do setor ocorreu graças à importação de tecnologia e "know-how" do exterior; as duas empresas distinguem-se pelo pioneirismo tecnológico, com

importação de maquinários (o *Lanificio Rossi* importou máquinas da Bélgica, o Grupo Mascarenhas, dos Estados Unidos e da Inglaterra); além dos sistemas de organização e de produção industrial moderna, implementados nas novas tipologias das fábricas e nos sistemas de organização social. Os dois grupos figuram entre os pioneiros na criação de grandes sociedades anônimas. Também, foram pioneiros no desenvolvimento de energia hidroelétrica na Itália e na América Latina respectivamente (posteriormente vem aplicada à indústria, fator tecnológico). De grande importância é a formação de empreendimentos relacionados ao desenvolvimento industrial pelos dois grupos que geram impactos em nível urbano e territorial; por exemplo, a influência na expansão e na origem de diversas cidades do Vêneto (Schio, Torrebelvicino, Piovene Rocchette, Arsiero, Dueville, ecc.) e de Minas Gerais (Baldim, Biribiri, Caetanópolis, Inimutaba, Juiz de Fora, Paraopeba, Pirapora e Sete Lagoas). Assim como a “constelação” da *Lanerossi*, o grupo familiar Mascarenhas possuía, em todas as fábricas, casas-alojamentos coletivos para abrigar os trabalhadores, que se somaram, na maioria dos casos, equipamentos coletivos como escola, igreja e armazém de consumo (CORREIA, 2005). Todas as sedes do Grupo Mascarenhas, entre 1850 e 1930, inseriam-se em zonas rurais e a implantação da indústria têxtil condicionou o desenvolvimento de núcleos urbanos (que atualmente constituem cidades em MG, fator que vincula o estudo das *company towns*). Além dessas particularidades, o Grupo Mascarenhas se mantém ainda hoje no mercado têxtil mineiro/brasileiro e promove centros culturais em suas unidades históricas desativadas, como o “Espaço Mascarenhas” em Juiz de Fora e o Museu Décio Magalhães Mascarenhas-MDMM em Caetanópolis.

Graças a este estudo comparativo entre as duas empresas, interligado a um projeto que atinge escala internacional “*Company Towns in the World. Origins, Evolution and Rehabilitation-16th-20th Centuries*”¹, será possível captar analogias, variantes e especificidades dos modelos de *company towns* brasileiras, comparadas a experiências difundidas no panorama internacional, fato que contribui significativamente para o desenvolvimento dessa área. Trata-se de um trabalho que, dentro da análise das citadas *company towns*, permite de verificar e comparar a

¹ Projeto dirigido pelo Prof. Fontana. Esse projeto foi selecionado (com outros 16 entre 180 apresentados) e financiado pela *Fondazione Cassa di Risparmio di Padova e Rovigo*. A rede de pesquisa é formada por especialistas em âmbito internacional, com unidades de investigação em todos os continentes e em diversos estados brasileiros.

metodologia de estudo da formação do patrimônio industrial e processos de patrimonialização, valorização e gestão dos dois grupos para favorecer um amadurecimento da política e de projetos de desenvolvimento para a proteção do patrimônio industrial mineiro e brasileiro do período de industrialização moderna entre os séculos XIX-XX.

A exemplar metodologia de reabilitação e de políticas de preservação e valorização do patrimônio industrial de Schio será então aplicada a um estudo de caso brasileiro, buscou-se, como objeto de estudo, o Grupo Mascarenhas em Minas Gerais-MG-Brasil, baseando-se em diversas singularidades da empresa mineira como um grupo de grande valor no campo industrial e que apresenta muitas correspondências com o caso italiano.

Formação do Patrimônio Industrial em Schio

Desde o início da industrialização, o Alto Vicentino - região norte da província de Vicenza - era a capital da lã no Veneto. O território de Schio, no período proto-industrial já havia se estabelecido como o distrito têxtil líder da República de Veneza, durante o século XIX progrediu mantendo a vanguarda da modernização industrial da Itália. No Alto Vicentino, esse processo de industrialização longo e articulado, deixou um legado extraordinário com uma variedade de testemunhos, apresenta todas as tipologias de patrimônio industrial, alguns de excepcional raridade arquitetônica e técnica: edifícios muito particulares e grande qualidade arquitetônica, redes de energia ou meios de comunicação (pedreiras, canais, usinas elétricas, pontes, ferrovias, etc), máquinas; arquivos e registros em grandes quantidades, sistemas sociais e projetos urbanos para as diferentes idades industrialização; estratificações do complexo saber fazer e da cultura corporativa. Entre os três vales do Alto Vicentino, passa-se da fabricação antiga, tradicional e doméstica até sinais das maiores inovações industriais, canais industriais da Idade Média até os 46 centrais hidroelétricas dos rios *Leogra-Agno* e *Astico*, pequenas e grandes fábricas de fiação indústrias têxteis, de lã e de maquinário têxtil. Pelos vales ao redor de Schio, existem 94 elementos que compõem tanto a característica industrial, espacial e tudo o que auxilia a conectar a usina ao território. A cidade de Schio possui mais de 50 amostras de arqueologia industrial.

O caso historicamente mais importante de *company town* imitado por muitos industriais nos séculos XIX e XX, e conhecido em toda a Europa, é o da *Nuova Schio*, *company town* realizado por Alessandro Rossi complexo industrial fundado em 1817, que chega a ser a mais importante empresa italiana da segunda metade do séc. XIX por dimensões, capitais, funcionários e organização. Desde o final do século, o desenvolvimento dessa empresa foi acompanhado pelo surgimento de outra grande indústria produtora de lã, a indústria Marzotto, que em 1987, agrupando a Lanerossi, tornou-se o maior grupo têxtil na Europa.

Ao longo do canal artificial denominado *Roggia Maestra*, surge à partir do século XIII, com atividades relacionadas à produção de lã e à própria origem da morfologia urbana de Schio. O canal, que é removido do curso d'água Leogra, atravessa toda a cidade conformando várias ramificações. Ao longo de seu curso, concentraram-se moinhos, martelos hidráulicos, fábricas de curtumes, fábricas de papel e tinturarias da época proto-industrial, que ainda permanecem nos traços do estabelecimento *Conte*, criado em 1757 por um artesão, Antonio Conte, às margens de uma das ramificações da *Maestra Roggia*, no pequeno canal *Riello*.

Entre esses edifícios industriais, o monumento por excelência da primeira fase da industrialização italiana, a *Fabbrica Alta* do Lanificio Rossi, construída em 1862 por Alessandro Rossi (1819-1898), ideólogo e líder do novo *Reino* de empresários Itália, projetado pelo arquiteto belga Auguste Vitroux, destaca-se imponente no contexto. O edifício é constituído por sete pavimentos, com planta retangular que compreende 80 metros de comprimento por 13,90 metros de largura. As oficinas foram divididas em três partes por fileiras de colunas de ferro e iluminadas por 330 janelas e 52 clarabóias. Cada andar alojava uma fase diferente do tratamento de lã. De acordo com o projeto de Vitroux, era previsto um segundo edifício em quatro andares com fachada neoclássica decorada com motivos comerciais e industriais. Por fim, no lugar do segundo edifício foi construído entre 1866-1868 um ateliê de tipologia moderna para fiação e tecelagem, constituído de galpões com cobertura em *sheds*. No lado sul do pátio, em 1864, inseriu-se um prédio de três andares atribuído à preparação, separação e lavagem da lã.

Entre 1852 e 1862, para ampliar o complexo fabril, o *Lanificio Rossi* comprou as propriedades na frente à *Fabbrica Alta* até a colina abaixo da igreja de San. Rocco. De 1859 a 1878, o arquiteto A. Caregaro Negrin (1821-1898) criou o jardim romântico,

com configuração que incorpora aspectos paisagísticos funcionais. À direita, localizou-se o Teatro Jacquard, sede das instituições operárias e era aberto para os trabalhadores para suas refeições. Na parte central, o arquiteto criou uma estufa com um galpão octogonal, um misterioso passeio por escadas com vistas para ninfas, miradouros, grutas e jardins suspensos, desenhados, explorando as diferenças de nível do espaços e sua característica geológica.

Toda a área de entorno e das instalações do Teatro Jardim Jacquard agrupavam os serviços educacionais, culturais, sociais e de lazer, criados na segunda metade do século XIX por Alessandro Rossi. Em 1873, começou a realização do novo bairro operário de Schio, *Nuova Schio* (vilas e casas para operários e empregados) e em todos os centros da “constelação” produtiva *Lanerossi*, para responder à demanda de habitação crescente devido ao desenvolvimento das fábricas e para satisfazer à intenção de realizar um modelo de habitacional da classe trabalhadora, desenvolve-se sobre um amplo território. Esse modelo foi concebido através do projeto do arquiteto A. Caregaro Negrin, planejado como uma verdadeira extensão da cidade, com alojamento para operários, técnicos e gerentes, bem como equipamentos e utilitários. O *Novo Bairro* está ligado historicamente às experiências mais inovadoras em habitação operária realizadas na Europa durante o século XIX. Com 272 casas para atender cerca de 1.300 habitantes em 1890, o "Nuova Schio" hospedava 1.543 pessoas, o equivalente a 10% da população urbana, visto que, a população seria gradualmente aumentada. O *Nova Schio* é o mais desafiador empreendimento construído na Itália, do ponto de vista financeiro e projetual. A partir desses experimentos-modelo, ao longo dos vales do Leogra e do Astico, desenvolveram-se casas de trabalhadores, bairros, instituições culturais de apoio social e de lazer, infraestrutura de comunicação (linhas ferroviárias, pontos de carga/descarga e suas muitas pontes e estações).

Do conhecimento ao projeto: a reabilitação do patrimônio Industrial no Alto Vicentino

O caso do Lanifício *Rossi* representa uma experiência exemplar de proteção e valorização do patrimônio industrial na Itália e na Europa. A zona entorno à *Fabbrica Alta* (uma grande área de aproximadamente 40 hectares no coração da cidade, o principal foco arqueológico e industrial de Schio, agrupado no centro da cidade de

Schio) concentra os principais testemunhos desse passado industrial. Grande parte desse patrimônio industrial tem sido objeto de estudo, pesquisa, recuperação de planos e planos urbanísticos. O caso de Schio foi avaliado recentemente até no projeto Europeu, já citado *Working Heritage* e obteve o quinto lugar na classificação das melhores intervenções sobre patrimônio industrial na Europa.

Durante os anos oitenta, com a à criação de uma nova área industrial fora da cidade, a vasta área de fábricas *Rossi e Conte* sofreu um processo de abandono e atraiu grande interesse imobiliário, por seu tamanho e pela relevância dos edifícios. O patrimônio industrial de Schio foi destacado primeiramente por pesquisa histórica, a partir de estudos de Alessandro Rossi e sua obra. Em 1979, a Convenção Nacional - promovida pelo município de Schio, realizou o monitoramento publicação dos trabalhos - foi o auge!

Para iniciar a reabilitação dessa área foi organizado, pelo município de Schio, em 1979-80, o maior concurso nacional de ideias para uma área industrial desativada/abandonada até então nunca ocorrido na Itália. Tal concurso foi presidido pelo arquiteto Bruno Zevi e contou com a participação de mais de 100 grupos, incluindo arquitetos e urbanistas mais importantes da época. O concurso nacional teve como objetivo estimular a iniciativa privada, mas não foi desenvolvido na época.

Em 1986, o município foi novamente envolvido diretamente no projeto e reconsiderou o papel estratégico da antiga área industrial na nova política de reconstrução da cidade e do seu sistema territorial, aprovando um plano de desenvolvimento apropriado que vinculado ao processo em curso no centro histórico e áreas vizinhas, por sua vez, objetos de planejamento urbano. Entre o final dos anos oitenta e início dos anos 90, o plano de requalificação urbana e ambiental do bairro "Alessandro Rossi", intimamente relacionado com o plano para a área *Lanerossi-Conte*, também foi aprovado. O bairro nessa proposta era bem integrado ao contexto urbano de *Schio*, mas ainda manteve uma imagem fundamental de unidade inalterada. No entanto, o distrito poderia perder sua individualidade devido às diversas intervenções sem unidade e sem relação com as características dos edifícios, mas também devido à saturação inadequada das áreas ainda não construídas. Assim, em 1986, ocorreu a primeira ação, a partir do programa do desenvolvimento urbano e ambiental, para assegurar a conservação e reabilitação do *Novo Bairro*. A escolha foi voltada para uma reabilitação da "complexidade", isto é, da diversidade de condições e de requisitos do

distrito. Tal complexidade se expressa principalmente ao longo do trabalho, da metodologia utilizada e da natureza das regras seguidas. O trabalho de planejamento começou com os registros de leitura e de criação de todos os edifícios e das áreas não construídas como parte do complexo. Enquanto isso, a análise de acréscimos ou alterações devido aos requisitos funcionais, a análise dos pedidos de licenças de construção para medidas de modernização e uma série de levantamentos de moradores, forneceram informações úteis sobre as expectativas e preferências da população local. O volume *Manuale per "Nuova Schio"*, contendo as indicações concebidas no plano como um instrumento representativo, de uma nova maneira de pensar o desenvolvimento de um território marcado pelos impressionantes edifícios da primeira idade industrial. O instrumento de planejamento que figura como o citado *Modello atipico di pianificazione*, pela complexidade e pela natureza orgânica necessária por medidas de reabilitação. Por isso, tal plano recebeu reconhecimento nacional e internacional.

Ao mesmo tempo, no Plano Diretor para a área do famoso *Lanerossi-Conte* a imponente *Fabbrica Alta* e a *Francesco Rossi* foram preservadas e melhoradas. A restauração preventiva e o uso público foram previstos em ambos os edifícios. Com exceção dessas duas significativas construções históricas, toda a área pode ser modificada. O objetivo importante é a criação por parceiros privados para novas residências e atividades de serviços locais. Para fornecer o equipamento necessário e uma área e para melhorar a praticar o seu "eixo da memória" - um percurso de requalificação urbana que segue a *Roggia Maestra* através do coração da cidade - parceiros privados realizarão o trabalho de reconversão necessária nas fábricas históricas preservadas.

Em 1994, uma pesquisa artística e histórica foi acompanhada de uma declaração detalhada do Jardim Jacquard e análise de sua vegetação. Além de identificar um extraordinário patrimônio arquitetônico e botânico, a pesquisa também verificou emergências de restauração e manutenção. Em 1995, o jardim era protegido pelo Ministério da Cultural e Ambiental. Além de seu proprietário, a empresa Marzotto, a reabilitação do jardim envolveu muitos parceiros privados e públicos. Os voluntários realizaram a limpeza e a descoberta de rotas, cavernas e fábricas. As árvores agora são monitoradas alguns perigos de queda foram eliminados, apesar de algumas falhas estruturais persistirem perturbadores, causados por fenômenos complexos, como hidro-geológicos. As coberturas da estufa e das torres foram restauradas.

Nesse período, a fábrica *Conte* fechou suas portas no sítio original e deslocou-se para a nova área industrial. A reutilização proposta para o antigo sítio procura destacar as características do edifício, adotando a filosofia de integrar o novo ao antigo. O proprietário, um empresário da área de hotelaria, estabeleceu com o governo um memorando de intenção e de método. Essa colaboração tem produzido bons resultados e poderá fornecer orientações para intervenções similares no futuro. O projeto organiza espaços arquitetônicos, vias e conexões que integram novas estruturas metálicas verticais, justapostas com os de ferro fundido e de madeira do século XIX, permitindo a instalação de novos usos: uma galeria no piso térreo e salas de exposição no primeiro andar.²

Alessandro Rossi sempre trabalhou com grande cuidado para estabelecer e preservar a memória histórica de sua empresa, mas também documentava seu ativismo obstinado como empresário, político, intelectual e organizador. Os documentos relativos aos seus negócios, vida pessoal e à sua família são a parte principal de arquivos privados, preservados pelos herdeiros e generosamente doados em 1985 por descendentes ao Archivio Storico Lanerossi, têm vindo a representar um *corpus* excepcional, um dos mais importantes arquivos empresariais italianos, seja pelo interesse histórico dos arquivos e pela sua extraordinária riqueza, seja como fonte fundamental de pesquisas relacionadas a diferentes disciplinas. A *Soprintendenza Archivistica per il Veneto* (superintendência de arquivos do Vêneto) foi incentivada a publicar em 1972, de Notificação n.º 1049 sob s. 36 do Decreto Presidencial de 30 de setembro de 1963, o reconhecimento do valor fundamental de arquivos, que abriu caminho para a política de proteção de arquivos industriais na Itália.

Após ser desativada a área Lanerossi foi devolvida para a empresa Marzotto em 1987, tornou-se de grande urgência uma iniciativa de reorganização e de inventário de todos

² A restauração da área foi tratada ao mesmo tempo, como projeto de integração entre as cidades territoriais e urbana de Schio e Valdagno, projeto desenvolvido por meio do *Consorzio per l'integrazione urbana e territoriale di Schio e di Valdagno*, uma organização criada pelos dois municípios em 1990 para concluir um projeto de "cidade-rede" a partir da construção de uma grande infra-estrutura, o túnel urbano "*Schio-Valdagno Pass*", inaugurado em 1998, ligando territórios adjacentes dos dois principais centros do Alto Vicentino, em um grupo de 32 municípios e 220.000 habitantes. Para a avaliação do patrimônio industrial de enorme Alto Vicentino, um verdadeiro museu ao ar livre, o *Consorzio* criou rotas, estruturas do museu, um centro de serviços e de coordenação, um grande projeto novo de arquivos, museus, exposições, centros de pesquisa e empresarial foi desenvolvido e implementado com a cidade de Schio.

os documentos e arquivos, armazenados em prédios abandonados na região. Para isso, em 30 de julho de 2003, a empresa Marzotto e o município de Schio (com o apoio técnico da *Soprintendenza Archivistica per il Veneto*) assinaram um acordo que estabelecia a gestão de arquivos Lanerossi preservado pela Prefeitura Municipal de Schio por 25 anos. O acordo foi resultado de esforços convergentes da *Soprintendenza Archivistica per il Veneto*, da empresa Marzotto, do município de Schio e da Universidade de Pádua, que se ocupou da organização e da catalogação de material por meio de um grupo de trabalho criado pelo *Master in Conservazione, Sviluppo e Gestione del Patrimonio Industriale*. Os documentos de arquivo da *Lanerossi* formam o núcleo de um arquivo de negócios do Veneto e um sistema de museus, que partem do testemunho da experiência histórica, que chegam até a atual realidade industrial do Alto Vicentino. O censo analítico dos arquivos já foi concluído e representa uma parte essencial das atividades do programa, incluindo a reabilitação da *Fabbrica Alta* e edifícios históricos adjacentes à fábrica de lã *Conte*.

Essas iniciativas orgânicas completaram trinta anos, de projetos e de realizações que transformaram a cidade de Schio e todo o território do Alto Vicentino. O projeto da *Fabbrica Alta* foi elaborado recentemente com uma estrutura que integra programação, promoção, marketing e serviços. O município disponibilizará em gestão um dos mais importantes edifícios industriais de Schio para uma determinada Fundação, onde será permitido o uso e a localização de espaços comerciais e de lazer ligados ou destinados a atividades temporárias e permanentes. Entre os museus, espaços de ensino, de pesquisa, de serviços e de entretenimento previstos no projeto *Fabbrica Alta*, também consta a criação do *Museo dell'Industria e dell'Innovazione* (Museu da Indústria e da Inovação). Esse Museo será abrigado no complexo da *Fabbrica Alta*, de Alessandro Rossi, com o objetivo de promover a longa história e as dinâmicas contemporâneas da indústria do Vêneto, partindo de seus lugares de origem e de manter, gerir e valorizar o singular patrimônio tangível e intangível único do Alto Vicentino.

O Grupo Mascarenhas e a Fábrica do Cedro: formação e reabilitação do patrimônio industrial

Os irmãos Mascarenhas entram no setor industrial têxtil brasileiro em 1872, inaugurando a Fábrica do Cedro, na Freguesia de Sete Lagoas. A produção foi

implantada em zona rural, longe de centros de consumo, em local privo de infraestrutura. Apresentava como vantagem o fato de possuir um entorno produtor de algodão.

A arquitetura da Fabrica do Cedro reproduz uma tipologia de construção colonial brasileira, conformada pela casa grande (sede da fazenda). Com o passar dos anos, distribuíram-se ao redor outras construções criando uma pequena *town* de conformação retangular e no centro uma praça. Essas sucessivas construções constituíam os alojamentos dos patrões, dos diretores e dos operários; o refeitório; os armazéns e os escritórios. Uma estrutura particular inserida na *company town* da Fabrica do Cedro é o denominado Convento que funcionava como alojamento das operárias solteiras. O escritório do diretor ocupava posição extratática de modo a exercer o controle do núcleo produtivo. Essa tipologia de organização espacial era comum em todas as sedes do grupo (Baldim, Biribiri, Inimutaba, Paraopeba, Pirapora e Sete Lagoas).

Em 1983, a Fabrica do Cedro foi transformada em museu e arquivo privados, o "Museu Décio Magalhães Mascarenhas-MDMM". O acervo possui mais de 1.000 peças e constitui o mais completo museu têxtil do país, segundo dados da empresa Cedro e Cachoeira. Os maquinários foram preservados *in loco*, os móveis e peças ainda se encontram intactos. A área de arquivo e documentação é distribuída por treze salas com fundos de vários arquivos das sedes da empresa (borradores, copiadores de cartas, livros de ponto e de poupança dos funcionários) coleções de máquinas, manuais técnicos, objetos, amostras de tecidos, testemunhos audiovisuais, fontes de cartografia e iconografia e principalmente fontes abundantes de correspondências. De grande importância (para a reconstrução da memória coletiva da Fábrica do Cedro) são as cartas que tratam de questões tais como salários, pensões, doença, ferimentos, dias de trabalho, disciplina, controle e vigilância dos funcionários, relações comerciais, pedidos de trabalho, favores, relações familiares e políticas. Há cerca de 60.000 missivas (recebidas pelos fundadores e gerentes das fábricas) trocadas entre 1872 e 1930, dispostas em 102 caixas.

Contudo, as iniciativas de preservação ainda caminham em passos largos. Ainda, não foram desenvolvidos acordos de difusão e cooperação para a preservação desse patrimônio. Para uma efetiva ação de preservação e valorização seria importante a realização de planos que envolvam órgãos públicos governamentais e de ensino, que

pode proporcionar o desenvolvimento de diversos instrumentos para a valorização da *Company* do Cedro. O arquivo do MDMM apresenta grande potencial, mas não foi realizando ainda um censo analítico dos documentos existentes. Não existe uma catalogação eficiente do arquivo que apresenta de fontes *pouco estudadas, muitas vezes não consideradas ou até mesmo eliminadas como material privado considerado "não importante" para a história da empresa* (LIMA, 2009, p. 24). Além disso, por meio de acordos com instituições de ensino esse arquivo poderá ser fonte de pesquisa para diversos estudantes e pesquisadores.

Do ponto de vista urbano, paisagístico e arquitetônico, território da *company* do Cedro não foi explorado em concursos de idéias para reabilitações que discutam a complexidade e a natureza orgânica da área. Os bens industriais que compõem a *company town* do Cedro encontram-se parados no tempo, sem uma função ou uma atividade, ou seja, sem vida. Praticamente, não foram adotadas medidas para garantir um efetivo projeto de sucesso de reabilitação e reutilização do bem. O acervo é exposto de forma monotona, os objetos industriais foram conservados intactos, mas não são elementos valorizados e ativos no percurso do acervo.

A CT da Cedro é apenas mais um dos diversos exemplares do patrimônio industrial brasileiro que necessitam de uma intervenção capaz de valorizar tal patrimônio. Ainda faltam atividades e projetos coerentes esses espaços industriais que revelam uma potencialidade na produção do espaço urbano contemporâneo.

Campagnol (2011) publicou recentemente um artigo que comprova a ausência de experiência brasileira em iniciativas e projetos para a reutilização de espaços industriais desativados, sendo as poucas iniciativas fracassadas e desprovidas de uma cultura de preservação baseada na pesquisa do patrimônio industrial:

Despite the abundance of examples of the reuse of buildings and industrial areas, Brazil lacks experience in the preservation of industrial sites as museums, such as those designed in Europe, for machines and manufacturing processes. The few examples of museums of science and technology were not originally designed for the preservation of industrial heritage and are located in universities or research centers, such as the Museum of Science and Technology at the Catholic University of Rio Grande do Sul

in Porto Alegre, and the Museum of Science and Technology of the School of Mines in Ouro Preto (CAMPAGNOL, G., 2011, p.14).

Em contrapartida, existem movimentos que indicam novas iniciativas e novas abordagens sobre o tratamento do patrimônio industrial brasileiro. Kempter (2010) concluiu uma análise sobre os efeitos do processo de *desindustrialização* e de reestruturação econômica, intensificados a partir de 1990, que atingiram grandes complexos fabris estabelecidos nos séculos XIX e XX, (grandes motores econômicos e principais indutores da urbanização de territórios). Efetua análise e comparação dos casos de indústrias têxteis brasileiras - Fábrica São Luis (Itu, 1869); Enrico Dell'Acqua e Cia. (São Roque, 1892; Brasital (Salto, 1875); Cia. América Fabril (Rio de Janeiro, 1878) e a Fábrica Bangu (Rio de Janeiro, 1893). Discorre sobre a emergência da valorização do patrimônio industrial nos órgãos de preservação por meio do levantamento dos bens tombados pelo IPHAN e do estudo comparativo do tombamento de duas fábricas, com o intuito de identificar procedimentos específicos para áreas industriais de interesse cultural.

“Boas regras” para a preservação e reabilitação do patrimônio industrial

O panorama internacional sobre estudos de “boas práticas” de preservação e reabilitação de centros industriais foi enriquecido nos últimos anos com numerosas contribuições, sendo impossível concentrar a atenção somente nas mais importantes.

Sobre a base dos estudos citados e da experiência de Schio, Mancuso (2008) formulou um repertório com dez considerações/pontos que contém *boas práticas* a serem seguidas por profissionais empenhados na reestruturação de bens do patrimônio Industrial. Explicita *o que é preciso para saber fazer* para a realização de um projeto arquitetônico e urbanístico que atenda condições mínimas para reconhecer valores culturais e legados industriais. Parte como primeira consideração a necessidade de conservar as características originais; após a intervenção é importante reconhecer os elementos e as funções originais da construção arqueológica-industrial, para evitar destruir e prejudicar a leitura dos ambientes e comprometem a identidade original do bem. Como segunda consideração, propõe reativar o dialogo entre o tecido urbano de entorno, operação baseada na relevância dos elementos presentes no

espaço, integrando e melhor inserindo o acesso e o fluxo de percursos com o entorno. Como terceiro ponto, Mancuso (2008) elenca a preservação do contexto considerado como o *prolongamento* do bem o seu entorno arquitetônico, urbanístico e paisagístico; de forma a estabelecer uma unidade com o todo. Quarto ponto, propõe uma especial atenção aos espaços naturais. Quinto ponto, escolha da linguagem correta para as partes da nova construção, de forma a estabelecer *dialética eloquente com as estruturas preexistentes (sem prevalecer, camuflar, obstruir ou conter soluções miméticas)*³. Sétima consideração, dar valor ao maquinário: são elementos de grande importância nos complexos industriais. Mostra que é imprescindível saber valorizar a presença dos equipamentos e das máquinas e integrá-los no layout de projeto, ao contrário de eliminar esses bens do contexto. Oitavo ponto, reconhecer os elementos simbólicos: *a indústria exprime na sua arquitetura a imagem do empreendedor que construiu o edifício, a alma operária de quem perdeu a vida dentro da fábrica*⁴, sendo oportuno realizar pesquisas com testemunhos que permitem o reconhecimento da memória coletiva dos espaços e das condições de trabalho. Nona observação, propor uma rede de percursos que valorize os equipamentos de maior interesse e a qualidade arquitetônica, dentro e fora dos complexos recuperados. Conclui o décimo ponto, que sintetiza praticamente todas as outras considerações: dar valor aos espaços, como medida importante para o sucesso de uma recuperação arquitetônica. O autor preconiza o adequado posicionamento das diversas funções consideradas no programa arquitetônico, para inserir e promover uma melhor contemplação dos espaços de maior vulto, baseando-se sobretudo na hierarquia de espaços (internos e externos).

Esses pontos defendidos pelo Prof. Franco Mancuso foram praticamente inseridos no conjunto do *International Council on Monuments and Sites-ICOMOS* e do TICCIH ("Princípios de Dublin"), aprovado durante a 17ª Assembléia Geral do ICOMOS, em Paris. Para a formulação desses "Princípios" muitas consonâncias e similaridades foram baseadas na ampla literatura sobre requalificação e restauro do patrimônio industrial de Schio, na qual se destacam contribuições do Prof. Fontana, como ex-presidente da AIPAI. Por exemplo, o parágrafo nono que determina medidas de preservação da integridade dos sítios industriais e a manutenção de objetos

³ (MANCUSO, 2008, P.156, tradução nossa).

⁴ (MANCUSO, 2008, P.157, tradução nossa).

industriais. Em seguida, o paragrafo 12 estabelece a documentação do patrimônio material e imaterial (de histórias orais/escritas de pessoas ligadas com processos de trabalho).

Muitas dessas *boas práticas*, com as devidas adaptações ao contexto mineiro, servirão como uma referência para a completar o processo de patrimonialização e reabilitação da Indústria Grupo Mascarenhas.

V. Bibliografia de referência

Por razões de espaço, limitaram-se a algumas referências essenciais, com especial atenção para os casos em estudo.

BERGERON, L. Villages ouvriers, Utopie ou réalités ? Rapport introductif. *L'archéologie industrielle en France*, Paris, n.4-25, p.1-10, 1994.

CAMPAGNOL, G. Industrial Archaeology and Brazilian Industrial Heritage. *Preservation Education & Research Journal*, Texas, v.4, p.1-20, 2011.

CRAWFORD M., *Building the Workingman's Paradise: the Design of American Company Towns*. New York: Verso, 1995.

CORREIA, T. de B. De Vila Operária à Cidade-Companhia: as aglomerações criadas por empresas no vocabulário especializado e vernacular. *Revista Brasileira De Estudos Urbanos e Regionais*, São Paulo, n. 4, p. 83-96, 2001.

CORREIA, T. de B; GUNN, P. A Industrialização Brasileira e a Dimensão Geográfica do Estabelecimentos Industriais. *Revista Brasileira de Estudos Urbanos e Regionais*, São Paulo, n.7, p.17-53, 2005.

CORREIA, T. de B. *Pedra: Plano e Cotidiano Operário No Sertão*. 1. ed. Campinas: Papyrus, 1998. v. 1.

DEMATTEIS, G. *Progetto implicito: il contributo della geografia umana alle scienze del territorio*. Milano: F. Angeli, 1995.

FONTANA, G. L. Schio, il progetto AltaFabbrica e il Museo dell'industria e dell'innovazione. In: DA TERRITORI INDUSTRIALI A PAESAGGI CULTURALI.

PERCORSI PROGETTUALI, ESPERIENZE, POTENZIALITÀ DI VALORIZZAZIONE, RICONVERSIONE E RECUPERO DEL PATRIMONIO E DEI SITI DELL'ARCHEOLOGIA INDUSTRIALE, 2008, Monfalcone. *Atti del Convegno*. Monfalcone: Municipalità di Monfalcone, 2008. p. 207-214.

FONTANA, G. L.; PANCIERA, W.; RIELLO G., The Italian Textile Industry: Technology, Labour and Innovation, 1650-2000. In: L. H. V. VOSS; E. HIEMSTRA-KUPERUS; E. V. NEDERVEEN MEERKERK, *The Ashgate Companion to the History of Textile Workers*. Ashgate: Aldeshot, 2009. cap. 11, p. 275-304.

FONTANA, G. L. (Org.). *Schio e Alessandro Rossi: imprenditorialità, politica, cultura e paesaggi sociali del secondo Ottocento*. Roma: Edizioni di storia e letteratura, 1985-1986.

FONTANA, G. L. Formation et évolution des districts industriels du Nord-Est de l'Italie (XVIème – XXème siècles). In: R. LEBOUTTE; J. P. LEHNERS (Org.). *Formation et mutations des bassins industriels en Europe*. Impacts sociaux et environnementaux. Luxembourg: Centre Universitaire de Luxembourg, 1997. p. 55-104.

FONTANA, G. L. Archivi aziendali e archivi privati: il caso del Lanificio Rossi. *Archivi e imprese*, Padova, n. 4, p. 3–17, 1991.

FONTANA, G. L., Le patrimoine l'industrie, une ressource pour le développement. Le Musée territorial de l'industrie du Vicentino. *Patrimoine de l'industrie/Industrial Patrimony*, Paris, n. 2, p. 21-26, 1999.

FONTANA, G. L. L'Europe de la laine: transfert de techniques, savoir-faire et cultures d'entreprise entre Verviers, Biella et Schio. In: G.L. FONTANA; G. GAYOT (Org.). *Wool: products and markets (13th – 20th Century)*. Padova: CLEUP, 2004. p. 687-746.

FONTANA, G. L. The economic development of Europe in the nineteenth century. In: A. Di VITTORIO (Org.). *An Economic History of Europe. From expansion to development*. London, New York: *Routledge*, 2006. p. 135-238.

FONTANA, G. L. Seamless Industrialization: The Lanificio Rossi and the Modernization of the Wool Textile Industry in Nineteenth-Century Italy. *Textile History*, London, v. 2, n. 36, p. 168-195, 2005.

FONTANA, G. L. Dar casa agli operai. Logiche d'impresa e ingegneria sociale nell'industrializzazione moderna. In: C. LUSSANA (Org.). *Dalmine dall'impresa alla città*. Committenza industriale e architettura. Dalmine: Fondazione Dalmine, 2003. p. 13-63.

FONTANA, G. L. Schio, 'Nuova Schio' e il Lanificio Rossi: costruzione e riuso di un caso esemplare. In: FONDAZIONE ASSI, *Annali di Storia dell'Impresa*. Venezia: Marsilio Editori, 2002. p. 153-188.

GIROLETTI, D. *Fábrica, convento e disciplina*. Belo Horizonte: Imprensa Oficial, 1991.

KEMPTER, E. D. *O lugar do patrimônio industrial na contemporaneidade*. 2010. Tese (Doutorado em História) – História, Universidade Estadual de Campinas, Campinas, 2010.

LIMA, J.S., *De Meninas Fiandeiras a Mulheres Operarias: a inserção da mão-de-obra feminina na companhia de fiação e tecidos cedro e cachoeira (1872-1930)*. 2009. 202 f. Dissertação (Mestrado em Educação Tecnológica) – Centro Federal de Educação Tecnológica de Minas Gerais, CEFET/MG, Belo Horizonte, 2009.

MANCUSO, F. Progetto e 'buone pratiche', In: RONCHETTA, C; TRISCIUGLIO, M. *Progettare per il patrimonio industriale*. Torino: Celid, 2008. p.154-159.

MASCARENHAS, G. M. *Centenário da Fabrica do Cedro: 1872-1972*. Belo Horizonte: Cia. De Fiação e Tecidos Cedro e Cachoeira, 1972.

MAZZOTTA, D. Piano per il recupero di nuova Schio. *Parametro*, Faenza, v. 193, nov. 1992.

MENEGUELLO, C. *A preservação do patrimônio e o tecido urbano*. Arqtextos, 2000.

STEIN, J. *Origens e evolução da Indústria têxtil no Brasil*. Rio de Janeiro: Campus, 1979.

TAMM, P. *A Família Mascarenhas e a Indústria Têxtil em Minas*. Belo Horizonte: Papelaria e Tipografica "Brasil" Velloso e Cia., 1939.

INTERNATIONAL CONGRESS OF THE INTERNATIONAL COMMITTEE FOR THE CONSERVATION OF THE INDUSTRIAL HERITAGE (TICCIH), 13., 2006. Terni.

Documentation Terni: 2006. Disponível em: <<http://www.mnactec.com/TICCIH>>. Acesso em: 19 jan. 2011.

ICOMOS GENERAL ASSEMBLY, 17., 2011, Paris. Joint ICOMOS – TICCIH Principles for the Conservation of Industrial Heritage Sites, Structures, Areas and Landscapes Paris: 2011. Disponível em: http://www.international.icomos.org/Paris2011/GA2011_ICOMOS_TICCIH_joint_principles_EN_FR_final_20120110.pdf. Acesso em: 15 fev. 2012.